

A atividade criadora e a imaginação na elaboração de histórias na educação infantil

Creative activity and imagination in the elaboration of stories in early childhood education

Actividad creativa e imaginación en la elaboración de cuentos en educación infantil

Rodrigo Luiz de Araujo¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a atividade criadora e a imaginação em crianças entre 5 e 6 anos. A proposta da investigação foi identificar enunciados que se exprimem além da condição perceptual e imediata da ilustração. O recorte de problema e as análises fundamentam-se na abordagem histórico-cultural, tendo como base as contribuições de Lev Semionovitch Vigotski, sobre o desenvolvimento da imaginação e da atividade criadora. Foi adotada uma análise microgenética, baseada nas ideias de Góes (2000), em um microevento de criação de uma história. Como conclusão observou-se a necessidade de expor as crianças desde a primeira infância aos textos literários e à contação de histórias para que possam desenvolver a imaginação e criação literária.

Palavras-chave: Imaginação e criação; Linguagem; Educação infantil.

Abstract: This article aims to analyze creative activity and imagination in children between 5 and 6 years old. The purpose of the investigation was to identify statements that are expressed beyond the perceptual and immediate condition of the illustration. The problem outline and analyzes are based on the historical-cultural approach, based on the contributions of Lev Semionovitch Vygotski, on the development of imagination and creative activity. A microgenetic analysis was applied, based on the ideas of Góes (2000), in a micro-event of creating a story. As we conclude, it is necessary to expose children from childhood to literary texts and storytelling so that they can develop their imagination and literary creation.

Keywords: Imagination and creation; Language; Child education.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la actividad creativa y la imaginación en niños de entre 5 y 6 años. El propósito de la investigación fue identificar declaraciones que se expresan más allá de la condición perceptual e inmediata de la ilustración. El planteamiento y análisis del problema se sustentan en el enfoque histórico-cultural, fundamentado en los aportes de Lev Semionovitch Vygotski, sobre el desarrollo de la imaginación y la actividad creativa. Se aplicó un análisis microgenético, basado en las ideas de Góes (2000), en un microevento de creación de un cuento. Como concluimos, es necesario exponer a los niños desde pequeños a los textos literarios y la narración de cuentos para que puedan desarrollar su imaginación y creación literaria.

Palabras clave: Imaginación y creación; Lenguaje; Educación infantil.

Introdução

Este artigo visa analisar a atividade criadora e a imaginação em crianças entre 5 e 6 anos como objetivo geral. Não se pretende aqui discutir o conceito de atividade, adotaremos a proposta de Pino (2006) que compreende a ideia de atividade como uma capacidade

¹ Universidade Estadual de Campinas.

especificamente humana de prever e executar uma ação (projeto). O interesse desse trabalho² se vincula à investigação sobre a influência de fatores internos e externos que auxiliam no desenvolvimento da atividade criadora de histórias. Todavia, ele deriva de preocupações sobre a relevância da linguagem para a organização da narrativa e para o processo de desenvolvimento.

Já como objetivo específico, a proposta da investigação é identificar e caracterizar enunciados além da condição perceptual e imediata da ilustração. A partir daí, pretende-se averiguar aspectos linguísticos que podem demonstrar como experiência de ouvinte e/ou leitora de literatura influência na atividade criadora. Para a realização da pesquisa, adotamos os seguintes procedimentos como: apresentar temas para a criação de uma história a partir de um cenário de fundo, personagens que se relacionam com o cenário de fundo e outros que representam o cotidiano, como pessoas adultas e crianças.

As crianças puderam escolher o tema e as personagens, bem como tiveram um tempo prévio de elaboração. Logo após escolherem o cenário, as personagens e elaborarem previamente, comunicamos que seria gravada a criação. Essa atividade teve duração de 55 minutos e participaram 4 crianças.

As análises realizadas fundamentam-se na abordagem Histórico-cultural, tendo como base as contribuições de L. S. Vigotski, sobretudo no que se refere às suas teses gerais sobre o desenvolvimento da atividade criadora e imaginação, mais especificamente, sobre os modos reconstituído e combinatório da criação. Foi adotada uma análise microgenética qualitativa, baseada nas ideias de Góes (2000), acerca do microevento de criação de uma história, logo, a observação ocorrerá pelas minúcias no momento da contação.

Este trabalho se divide em 3 partes: introdução, onde são apresentados o tema, os objetivos, os pressupostos teóricos e a metodologia; o segundo elemento é o desenvolvimento, em que se discute as questões teóricas pertinentes ao trabalho, bem como se propõe a análise de um evento; por fim, considerações e referências.

A (inter)relação criação e linguagem

Os dois conceitos, imaginação e linguagem, que se pretende discutir, são referências que devem ser observadas diante do pressuposto teórico assumido como elementares para o

² Este trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa aconteceu em uma escola pública de educação infantil de um município do interior do Estado de São Paulo. Para esse trabalho pretendeu-se expor um episódio de criação de história por uma criança de 6 anos.

desenvolvimento do ser humano. A primeira está relacionada às condições que se imbricam com a segunda, pois é na linguagem que se manifesta a criação literária, sendo condição para a materialização da primeira. Não se pretende neste trabalho esmiuçar a teoria, mas apresentar bases para seu entendimento.

Segundo Vigotski (2021a), o homem ao criar algo novo, quer seja interno ou externo, realiza uma atividade criadora, e ao se considerar interno como construção da mente ou sentido conhecido apenas pela própria pessoa. Isto é, o homem realiza uma atividade criadora no que se refere a sentimentos, pensamentos, ações, elementos que contribuem para sua atuação na transformação da natureza, na utilização de algo.

A atividade criadora é desenvolvida no ser humano pelo sentido atribuído. O ser humano, com e pela manifestação simbólica, transforma o sentido daquilo que cria, permitindo-lhe assumir o rumo da própria evolução (PINO, 2005). Logo, reforça-se o que Vigotski (2021a, p. 27) afirma sobre a imaginação ser “uma condição totalmente necessária a quase toda atividade mental humana”.

Para entender o processo da atividade criadora, torna-se necessária a observação de três traços especificamente humanos (LURIA, 1979).

Primeiramente, observar-se a necessidade regida por atividades complexas, denominada de “superior”, ela se distingue da necessidade biológica dos animais. Assim, “Situam-se entre elas as necessidades cognitivas, que incentivam o homem à aquisição de novos conhecimentos, a necessidade de comunicação, a necessidade de ser útil à sociedade, de ocupar, nesta determinada posição etc.” (LURIA, 1979, p. 71-72).

O segundo traço está ligado à reflexão do meio e a capacidade de abstração e estruturação de conexão profunda das relações de dependência e causa dos acontecimentos, isto é, o homem consegue antecipar ações de acordo com suas observações. O terceiro traço, por sua vez, é aquele que está relacionado à experiência construída socialmente pela espécie humana. Segundo Luria (1979, p. 73) “a grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não são o resultado de sua experiência própria, mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações”.

A atividade criadora do homem está relacionada aos três traços específicos do ser humano: (i) a aquisição de conhecimento, comunicação e ocupação social; (ii) à reflexão, abstração e estruturação de dependência e causa; (iii) a apropriação (SMOLKA, 2000) da experiência histórico-cultural.

Segundo Vigotski

ela [atividade criadora] não irrompe de uma vez, mas lenta e gradativamente, desenvolvendo-se de formas mais elementares e simples para outras mais complexas. Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação. Além disso, não existe de modo isolado no comportamento humano, mas depende diretamente de outras formas de atividade, em particular, do acúmulo de experiência (2021a, p. 21).

Ainda ao se referir ao processo de criação, o autor afirma de forma metafórica que esse processo é um período de gestação e desenvolvimento do feto. Isto é, ao criar algo deve-se considerar não somente aquilo que é o resultado, mas todo o momento de preparação para esse resultado. Entendendo, assim, o que o próprio autor afirma como elementar as percepções externas e internas que são a base da experiência (VIGOTSKI, 2021a).

As percepções internas e externas estão relacionadas a diversos fatores que influenciam o desenvolvimento da atividade criadora no sujeito. Esses fatores, por sua vez, estão relacionados ao meio em que o sujeito se encontra (VIGOTSKI, 2021a) será o suporte para a criação. Vigotski comenta que “o que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação. Ela acumula material com o qual, posteriormente, será construída sua fantasia” (2021a, p. 37-38).

O Ser humano, no processo de acumulação cultural e social, dispõe de duas impressões relevantes para que ocorra a atividade criadora, a dissociação e associação. Para Vigotski (2021a), dissociação e associação são impressões que o sujeito desenvolve durante o processo de criação. Na primeira, observa-se a capacidade de fragmentar, já a segunda, trata-se da união dos elementos dissociados e modificados que serão unificados.

O processo da atividade criadora ainda requer um último momento, que é anterior ao da criação materializada. Ele é marcado por um quadro complexo que requer combinação e organização das imagens individuais. Após esse momento, ocorre o fechamento do círculo de criação ou, nas palavras de Vigotski (2021a, p. 41), “[...] se cristaliza em imagens externas”.

Contudo, ainda existem fatores que necessitam ser explorados para que se chegue à finalização ou passagem da imaginação para a realidade (VIGOTSKI, 2021a). Esses fatores estão relacionados a aspectos internos da imaginação.

O primeiro desses fatores, como estabeleceu a análise psicológica, é sempre a necessidade do homem de se adaptar ao meio que o cerca. Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias

estão em equilíbrio com o mundo circundante, então, não haverá qualquer base para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria qualquer anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos (VIGOTSKI, 2021a, p. 41-42).

O processo de imaginação não pode ser determinado apenas por necessidades, anseios e desejos, o outro fator que marca diretamente na atividade criadora diz respeito ao meio. O meio para Vigotski não deve ser considerado apenas como ambiente de estimulação, mas, antes de tudo, deve ser analisado como “[...] relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2018, p. 74). Isto é, o meio tem sua influência e deve ser analisado conforme o momento de desenvolvimento da criança e o que lhe é oferecido e como.

Ainda sobre o meio, Vigotski (2021a; 2021b) apresenta diferentes concepções como o meio social e meio cultural, o meio também pode se relacionar ao que serve ou que permite se alcançar um objetivo. Isto é, o meio não necessariamente é somente o espaço e local, mas interações e ainda o que pode permitir que se chegue a imaginação, no caso deste trabalho.

Vigotski ainda afirma que “eis porque em cada período do desenvolvimento infantil a imaginação criadora funciona de modo peculiar, característica de uma determinada etapa do desenvolvimento em que se encontra a criança” (2021a, p.45). Logo ao se observar o que é oferecido no meio e a etapa de desenvolvimento em que a criança se encontra são fatores que implicam no processo de imaginação.

Nesse sentido, Vigotski explica que

[...] é que o papel de quaisquer elementos do meio é distinto em diferentes degraus etários. Por exemplo: a fala das pessoas que estão ao redor da criança pode ser a mesma quando ela tem seis meses, um ano e seis meses ou três anos e seis meses. Ou seja, a quantidade de palavras que ela ouve e o caráter da fala, do vocabulário, da erudição, considerando o contexto cultural, podem permanecer os mesmos. Contudo, qualquer um entende que esse fator, que não mudou ao longo do desenvolvimento, tem um significado diferente quando a criança compreende a fala, quando não a compreende de forma alguma e quando se encontra entre essas duas fases, começando a compreendê-la (2018, p. 74).

Ao abordar a fala para dar o exemplo sobre a influência do meio, pode-se observar a relação da imaginação com a linguagem. Esta relação é constatada por Cruz (2011), baseada nos pressupostos vigotskianos, ao trazer a relevância da linguagem para a mediação das práticas sociais e culturais demonstrando a origem cultural e histórica dos processos superiores.

Vigotski (2021b, p. 227) explica que “[...] o desenvolvimento da linguagem consiste na história de uma das mais importantes funções do comportamento cultural infantil e que é a base de sua experiência cultural acumulada”.

Cruz (2011) explica que a linguagem para Vigotski não é um simples ato de comunicação ou expressão do pensamento, ela conduz o ser humano a um nível diferencial em relação aos animais. Luria (1979) explica que com o surgimento da linguagem, a condição de atividade consciente eleva a estrutura complexa do homem.

Essa estrutura complexa do homem se desenvolve tanto nos aspectos ontogenéticos quanto filogenéticos, bem como pela sociogênese. Ao criar sentido para aquilo que faz o homem dá um salto qualitativo (VIGOTSKI, 2021a) no seu modo de pensar e estruturar-se na sociedade. A linguagem tem um papel essencial na criação, em especial a criação literária, pois é por ela que o homem ao atribuir sentido generaliza e explicita o pensamento.

A linguagem possibilita a organização interna (VIGOTSKI, 2010) do homem, uma vez que é um processo em contínuo desenvolvimento. Ainda, segundo Vigotski (2010, p. 412), “a linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transforma-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica”. É nessa reestruturação que a criação de um texto literário vai ganhando novos sentidos. Na perspectiva histórico-cultural, o sentido se desenvolve de acordo com as experiências a que o ser humano está envolvido (VIGOTSKI, 2011). Logo, a linguagem articula os processos de organização interna, reelaboração de sentido e desenvolvimento do pensamento.

No próximo tópico procurou-se analisar e discutir a criação de uma história por uma criança.

Criação de uma história

No tópico anterior apresentou-se a fundamentação teórica que servirá como base para a análise de uma criação de uma história por uma criança. Neste tópico, pretende-se analisar como os enunciados são elaborados e as influências dos elementos internos e externos, bem como aquilo que está além da condição perceptual imediata na criação.

Em uma mesa, foram disponibilizados, à criança, vários cenários de fundo com diferentes temas (teatro, pista de corrida, floresta, castelo), bem como diferentes personagens (rei, rainha, sereia, crianças, lobo, entre outros). Ela pode escolher o cenário e as personagens. Depois, foi solicitado que pensasse em como criar uma história com o que escolhera.

Primeiramente apresentaremos a transcrição³ de uma criação por uma criança, em seguida faremos as análises conforme ação ocorrida.

M. F.⁴: nunca contei uma história sozinha...

Pesquisador: Pronta?

M. F.: balança a cabeça em sinal de positivo

Pesquisador: então pode começar... quer sentar ou não?

M. F.: era uma vez três pessoas em família... e então elas estavam prontas para ir no cenário ver uma festa... então foram todas para a festa... [colocando todas as personagens no cenário do teatro] para a festa... no cenário... e então todos chegaram e viram uma sereia nadando... [pega a personagem da sereia e levanta no ar e balança como se estivesse nadando] a sereia... [virando seu rosto para o que outro colega dizia no fundo da sala] a sereia estava tão linda que estava nadando... e sua cauda... todos ficaram apaixonados... e então a menina bateu palma... e todos bateram palma... daí a sereia chamou a menina que bateu a palma primeiro [segura a menina - princesa - em uma das mãos e na outra a sereia] daí ela se apresentou e até dançou e fim!

Ação1: da escolha dos cenários e das personagens

A criança havia selecionado 2 cenários: o primeiro era em forma de teatro e o segundo continha uma estrada que levava até a casa e árvores próximas à casa. Separou as personagens: 1 homem de terno e maleta na mão, um rei, rainha, uma princesa e uma aeromoça e uma sereia. As personagens estavam sobre o cenário do teatro e quando foi começar a contar retirou as personagens deste espaço e as colocou em cima da mesa. O segundo cenário escolhido, não fez parte de sua criação, como também não foram utilizados o homem de terno com a maleta e a aeromoça.

Para a escolha dos cenários pode-se observar a questão do contexto perceptual-imediato. Estava mais próximo do espaço onde tinha se preparado para contar, assim se ateu ao que lhe possivelmente lhe parecia mais rápido. Contudo o que se observou foi a libertação das amarras situacionais (VIGOTSKI, 2021a) do espaço escolhido como cenário, entendido como plano de fundo o teatro, pois ele não teve como característica o espaço físico e situacional de entretenimento de uma peça.

Outro ponto a se observar é a mudança de papel da personagem, pois na criação da história, a sereia não está na água e pode se deslocar pelo ambiente terrestre, algo impossível de se concretizar se considerar as características físico-biológicas do ser. Logo, nota-se que

³ As normas para a transcrição seguem as ideias de PRETI, D. *et al.* **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH / USP, 1999.

⁴ Com intuito de preservar a identidade da criança, adotaremos apenas as letras iniciais do nome e sobrenome.

“[...] a criança aprende a agir em função do que tem em mente e não do que vê” (VIGOTSKI, 2021a, p. 222), isto é, graças a função planejadora da linguagem, a criança aprende a preparar, a elaborar o que pretende contar sem a necessidade de ter próximo a si algo que influencia sua decisão.

Na ação 2, a observação recai sobre a criação imaginária.

Ação 2: da criação imaginária à narração

A ação 2 se constitui pelo sentido atribuído ao momento de contar uma história. Quando M. F. diz: “eu nunca contei uma história sozinha”, podemos observar dois aspectos relacionados ao enunciado, a situação imaginária criadora e a atividade de narrar. Para Vigotski (2021b, p. 380) “a palavra analisa o mundo, é o primeiro meio de análise”, assim podemos verificar que ao relacionar o *contar* com *sozinha* a criança estabelece um sentido em que analisa sua capacidade de imaginação e atuação.

A imaginação e a atuação parecem estar relacionadas ao meio cultural que a criança participa. Sobre esse meio cultural, o contar história é algo desafiador, motivador, mas também de grande responsabilidade. Explica Vigotski (2021b, p. 425) que “o desenvolvimento cultural da criança representa um tipo especial de desenvolvimento, isto é, o processo de enraizamento da criança na cultura não pode, por um lado, identificar-se com o processo de amadurecimento”.

Já sobre o processo de desenvolvimento cultural, Vigotski (2021a) afirma que, a ação no campo imaginário, aquela que não é vista, mas pensada, conduz a criança a uma nova percepção daquilo que está a fazer. Isto é, ao narrar sozinha, a criança, ao mesmo tempo, deve criar a história e estabelecer (inter)relações que produzam sentido para a história e para ela mesma conduzindo o ouvinte pela trama textual.

Em relação à trama textual, observamos a terceira ação.

Ação 3: da experiência à trama textual

Se na ação 2 pudemos notar as (inter)relações entre criação e narração, agora destacaremos a importância da experiência para a elaboração de uma trama textual. Toda base para o desenvolvimento implica na experiência a que a criança vivenciou. Quanto mais participação em algum evento a criança é exposta, mais ela se apropria dos aspectos que lhe servirão para o desenvolvimento. Logo, reparamos que “[...] toda obra da imaginação constrói-

se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2021a, p. 22).

A história criada por M. F. apresenta uma marca de experiência com textos de contos de fadas, logo percebemos que está desenvolvendo relações dialógicas⁵ com outros textos. Ao utilizar rei, rainha e uma sereia, reparamos certa semelhança com o texto de Hans Christian Andersen, *A Pequena Sereia*. Essa história não foi trabalhada em sala, mas, por diversas vezes foi assunto recorrente nas aulas. Na criação de M. F. a presença da sereia em uma festa, sua característica física, “*todos viram a sereia [...] a sereia estava nadando [...] sua cauda tão linda [...]*”, são traços do dialogismo, do texto criado pela criança com o texto de Andersen.

Ao trazer a possibilidade da personagem *sereia* estar em uma festa, em um teatro, sem a presença de um espaço com água, ou seja, não estar em um ambiente adequado ao seu fisiológico e biológico, reparamos uma ampliação da representação fantasiosa (VIGOTSKI, 2021a). Justamente dos elementos reais: festa, dança e o nadar, que foram submetidos à modificação situacional e na trama do texto, como na brincadeira, existe a possibilidade de fazer aquilo que seria impossível na vida real.

Considerações finais

Quando observamos a materialização da criação de uma história, compreende-se que ela ocorreu, com destaque, pela linguagem oral, pois a criança fora desafiada a imaginar e criar sem o suporte do texto escrito. Primeiro porque a observação ocorreu com uma criança em processo de alfabetização e, em segundo lugar, porque a intenção era a utilização de suportes (cenário e personagens) que pudessem ser manipulados.

Foi possível observar a importância da linguagem para o processo de criação, uma vez que os sentidos criados na situação imaginária só foram possíveis devido à condição da criança de preparar, planejar, estabelecer relações e materializar na contação. A linguagem organizou o pensamento de M. F. e possibilitou que ações desenvolvidas pelas personagens tivessem uma sequência (ir a uma festa, ver a sereia dançando, se apaixonar e dançar com ela) e acontecesse em um determinado espaço (teatro).

A história criada contou também com a possível referência a conto de fadas, pois ao utilizar as personagens: rei, rainha, princesa e sereia, surgiu o dialogismo com *A Pequena*

⁵ O conceito de dialogismo proposto por Bakhtin, segundo Fiorin (2018), textos com materialidades textuais independentes, mas que uma referência outro deveria ser adotado como intertextualidade. Isto é, um tipo de composição dialógica.

Sereia, de Hans Christian Andersen. Essa relação foi possível devido à experiência que a criança vivenciou quando lhe foi oferecido o texto do conto de fadas e ela se apropriou das características e personagens.

Destacamos três pontos que Vigotski (2021a) explicita sobre a atividade criadora: primeiro, o desafio para a emergência da criação; segundo a complexidade da atividade criadora; e, por fim, o aventurar-se para além dos limites de sua experiência. Portanto, para a criação de história esses três pontos são essenciais, pois quando a criança se sente desafiada, gera uma mudança de comportamento, depois quando se depara com a elaboração, deve planejar e modificar de acordo com as necessidades da história, logo baseia-se em sua experiência e vai além, criando sentidos e reelaborando os sentidos existentes.

Referências

CRUZ, M. N. Imaginação, linguagem e elaboração de conhecimento na perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vigotski. *In*: SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. H. (org.). **Emoção, memória, imaginação**: a constituição do desenvolvimento humano e na cultura. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 85-103.

GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 50, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3HgqZgZCCZHZD85MvqSNWtn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 09 jan. 2023.

LURIA, A. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PINO, A. S. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PINO, A. S. A produção imaginária e a formação do sentido estético: reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 47-69, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643628>. Acesso em: 09 jan. 2023.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 50, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KNrMXHpm3NdK3SFNycDrHfN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. P. Bezerra. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Trad. Z. Prestes; E. Tunes; C.C.G. Santana. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2021a.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021b.

Sobre o autor

Luís Fernando Portela: Em 2006, graduou-se em Letras pela Universidade Braz Cubas. Em 2008, qualificou-se em Especialização - Lato Sensu - em Literatura, pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Em 2012, formou-se em Pedagogia Centro de Habilitação, Filosofia e Cultura (CHAFIC). Em 2016, qualificou-se em Especialização Stricto Sensu em Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU) com a dissertação: "Afetividade e cognição: lembranças de professores do Ensino Fundamental de suas experiências como sujeito-leitores de obras literárias". Em 2021 ingressou no Doutorado em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP) - pesquisa em andamento: "Processos criadores e produção de sentidos na experiência da criança com a literatura na Educação Infantil. Entre 2005 e 2009, atuou na Rede Estadual -SP lecionando Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II e Médio. Entre 2006 e 2007 atuou como professor do Programa Sala de Leitura da Rede Estadual-SP. Entre 2008 e 2009, foi tutor dos Cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Norte do Paraná. Desde de 2009, desenvolve seu trabalho na Rede de São José dos Campos-SP, onde é concursado. Em 2012, atuou como Formador no Programa Gestar II - Língua Portuguesa na Rede de São José dos Campos-SP em parceria com o MEC. Em 2016 atuou como professor do Programa Sala de Leitura da Rede Municipal de São José dos Campos-SP. Entre 2017 e 2020 atuou como Orientador de Ensino do Programa Sala de Leitura na Rede de São José dos Campos-SP realizando formação de professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. Desde 2021 atua como professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de São José dos Campos-SP.

E-mail: rodrigolar4@gmail.com

Recebido em: 17 ago. 2023

Aprovado em: 25 maio 2024